

# O PROFESSOR POETA E O POETA PROFESSOR CARLOS FELIPE MOISÉS

## THE POET TEACHER AND THE TEACHER POET: CARLOS FELIPE MOISÉS

*Luís Fernando Prado Telles\**

---

A entrevista que segue foi concedida pelo professor e poeta Carlos Felipe Moisés<sup>1</sup>, no dia 24 de abril de 2014, na Universidade de São Paulo. Tal entrevista foi realizada como atividade integrante de uma pesquisa por mim desenvolvida em nível de Pós-Doutorado que procurava investigar a presença da literatura portuguesa nas Universidades Brasileiras como área de ensino e de pesquisa<sup>2</sup>. No depoimento que segue, o professor Carlos Felipe Moisés discorre sobre suas escolhas acadêmicas, suas preferências literárias e sua experiência como aluno e como professor na Universidade de São Paulo. Além disso, pondera sobre a questão do ensino de literatura e sobre relação entre a sua atividade de professor e a de poeta. Felipe Moisés fala, ainda, de sua paixão pela poesia de Fernando Pessoa e de como ela o acabou conduzindo ao campo das Letras. Comenta, também, sobre a arte de ensinar poesia e de sua produção bibliográfica sobre este tema. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita, o que resultou no tom coloquial do texto que aqui procurei conservar.

**Pergunta:** *Como a presente pesquisa tem o foco no estudo da presença da Literatura Portuguesa nas Universidades Brasileiras, gostaria de saber como o senhor foi atraído, inicialmente, ao estudo da Literatura Portuguesa e como foi sua formação nessa área? Quais foram as suas principais influências, dentre autores, teóricos e professores?*

**Carlos Felipe Moisés:** Bem sinteticamente, eu fui atraído por um dos professores que eu tive na área, o professor [Antônio Soares] Amora, com o qual me dei muito bem desde o início. Nós nos conhecíamos já antes de eu entrar na faculdade de Letras. Antes de entrar na faculdade, eu trabalhava numa editora, a Francisco Alves, e na época eu havia feito uma revisão tipográfica de um livro didático dele. E ficamos amigos, tanto quanto um moleque de 17 anos de idade, terminando o secundário, e um professor renomado, conhecido, como o professor Amora, poderiam ser amigos. Mas ele gostou muito da revisão que eu havia feito. E quando eu entrei no curso de Letras na USP ele foi meu professor e já no quarto ano do curso de graduação ele me surpreendeu me convidando para dar a aula prática do curso de graduação que ele estava dando. Então, eu não era nem formado, ainda, e já no quarto ano eu comecei a dar aula, uma vez por semana, para uma turma do segundo ano. Era uma aula prática de análise de textos literários, em especial poesia. Aquilo me agradou, me encantou, e até o final daquele ano o professor Amora me propôs que eu continuasse como professor. Então, já depois de formado, no início da minha pós-graduação, eu já era professor, eu já havia assumido algumas turmas de Literatura Portuguesa. Naquela época, todos os cursos de Literatura Portuguesa tinham três aulas semanais, eram duas aulas na quarta-feira e uma aula prática na sexta-feira, isso foi assim durante anos e anos. Então, mesmo já no final do quarto ano de Letras eu assumi uma aula na sexta-feira e, depois de formado, eu já comecei a dar duas aulas na quarta e uma na sexta. Mas, ao mesmo tempo, eu comecei a dar aula no *Sedes Sapientiae*, e lá eu dava aulas de Literatura Brasileira. No ano seguinte eu fui dar aulas de Teoria Literária em São José do Rio Preto, era no Instituto Isolado de Ensino Superior, que viria a se tornar, posteriormente, a Unesp, isso já no governo de Orestes Quércia. Nesse momento eu ainda estava fazendo a pós-graduação.

**Pergunta:** *O senhor foi o primeiro mestrando da USP na área de literatura, não?*

**Carlos Felipe Moisés:** Sim, é verdade. Eu me lembro bem, eu terminei a graduação em 1966 e eu tinha direito a seguir na pós-graduação. Já se falava no novo sistema de pós-graduação. O que existia, antes, era um esquema diferente, quem acabava a graduação e tivesse a intenção poderia seguir para o doutoramento. Eu tinha direito de seguir direto para o doutoramento, porque eu ainda fazia parte do regime antigo. Mas como havia a possibilidade de entrar já no novo sistema, eu preferi me submeter, ou melhor, me inscrever no novo sistema, me pareceu mais interessante a possibilidade de prolongar a minha condição de estudante, seria mais rico para a minha formação. Seria mais interessante do que fazer logo o doutorado direto. E acabei sendo o primeiro. Bem, eu tinha muitas ideias, muitos projetos, mas o que eu queria, o que eu perseguia desde o início era encarar a obra de Fernando Pessoa. Mas tinha um receio de lidar com o Fernando Pessoa. Tanto é que eu não o abordei no mestrado e nem no doutorado, eu só fui lidar com o Fernando Pessoa na minha Livre Docência, a minha tese de Livre Docência foi sobre Fernando Pessoa.

**Pergunta:** *Qual o interesse por Letras?*

**Carlos Felipe Moisés:** O interesse por Letras veio pelo fato, como eu já disse, de que eu trabalhava numa editora, quando eu terminei o secundário eu estava trabalhando nessa editora e nessa época eu já escrevia poesia. Eu já escrevia, já tinha publicado um livro de poesia, eu colaborava com o suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo*. Eu não imaginava fazer Letras, eu era mais um diletante, um “amador” de literatura. Fazia revisão na editora, me especializei nisso, mas também fazia outros trabalhos, tais como o que hoje se chama “release”. Eu lia e preparava os inéditos e também divulgava os textos que iam para a imprensa. Mas a minha ideia inicial era a de fazer o curso de Direito. Na época, no secundário, eu fiz o curso Clássico, e todos os que faziam esse curso se preparavam para fazer o curso de Direito. E o colégio que eu fiz era de excelente qualidade, o Colégio do Estado, que fica lá no Parque Dom Pedro [na cidade de São Paulo]. E o professor de português, que também era advogado, levava os alunos, que iriam ser futuros advogados, para assistir aos debates nos julgamentos. E foi graças a isso que eu resolvi não fazer o curso de Direito. Aquilo começou a me incomodar muito, eu não conseguia me imaginar o resto da vida fazendo aquilo. Eu queria lidar com literatura, então, me pareceu natural fazer o curso de Letras. Não era uma das minhas cogitações iniciais, pois eu pensava em fazer Direito e cheguei a pensar em fazer Filosofia. Eu tinha muitos colegas que faziam filosofia e ainda no secundário eu ia ver as aulas de Filosofia na USP com eles. Eu queria experimentar, mas, por fim, eu acabei indo para as Letras, mas não imaginava que eu iria virar professor tão cedo. Eu comecei a dar aulas muito cedo, já no primeiro ano do curso eu já comecei a dar aula em cursinho. Eu tinha uma amiga que já dava aula em cursinho e já estava no terceiro ou quarto ano de Letras. Eu tinha acabado de entrar na faculdade, eu era calouro, e o convite dessa minha amiga que era veterana me pareceu muito importante, senti-me lisonjeado. Veja: um calouro sendo convidado para dar aulas! Hoje, olhando isso, algum tempo depois, você vai dando conta que essas diferenças de dois, três ou cinco anos não têm tanta importância, não pesam, não contam para nada, na verdade são muito relativas, mas naquela altura eu me senti lisonjeado, eu, tão novo, sendo convidado para dar aulas por uma veterana. Mas, na época, eu até disse: “mas eu não sei dar aula, que tipo de aula que eu vou dar?” E a minha amiga me disse: “Ah! Você é poeta, escreve artigos, você é capaz sim, você tem conhecimento, é só passar isso para os alunos.” Bem, mais por desafio e por curiosidade eu acabei aceitando. Então, durante minha faculdade, eu trabalhava o dia inteiro na editora e ainda dava algumas aulas no cursinho. Bem, aí eu propus para o meu chefe que eu fizesse apenas meio período e ele não topou. Aí o que aconteceu? Eu comecei a gostar de dar aula no cursinho. Na verdade, eu tinha de dar aulas das mesmas matérias que eu havia acabado de estudar no secundário. Trabalhava com obras que eu tive de ler pouco tempo antes para o meu vestibular, então, para mim estava muito próximo, então foi uma facilidade! Então eu fui descobrindo ali, na prática...

**Pergunta:** *A vocação para professor?*

**Carlos Felipe Moisés:** Não, não, não! Não é isso não! Vocação eu não sei até hoje se eu tinha ou se tive algum dia. Eu fui descobrindo é que a melhor maneira para se aprender é ensinar. Na verdade, eu cheguei à conclusão há pouco tempo, não é, de que você só pensa que ensina, nos piores casos você finge que ensina, o que você está fazendo é aprender, mesmo, e se der certo você está convocando os seus alunos a aprenderem junto. E foi mais ou menos isso que eu aprendi no cursinho. Ora, o gosto, a admiração pela literatura portuguesa, por exemplo, por Fernando Pessoa, acima de todos, começou já no colégio. Eu tinha lido Fernando Pessoa aos catorze anos de idade. Não sei se seria a melhor idade para se começar a ler Fernando Pessoa, mas também qual é a melhor idade para se começar a ler seja lá o que for? Eu conhecia muito bem Fernando Pessoa antes mesmo de entrar na faculdade. Meus colegas da época, se tinham qualquer dúvida sobre o poeta, vinham falar comigo! Imagina! Bem, esse fascínio que Fernando Pessoa exerceu sobre a minha cabeça de adolescente continua até hoje, cinquenta anos se passaram, ou mais, e eu ainda continuo entusiasmado com ele, sem mudança nenhuma, a não ser pra melhor!

**Pergunta:** *O Senhor já falou um pouco da influência do professor António Soares Amora em sua formação e como era a sua relação com ele?*

**Carlos Felipe Moisés:** Tive professores ilustres! Como já disse, fui aluno do Soares Amora, do mesmo modo como do Segismundo Spina e, mais tarde, do Massaud Moisés. Todos foram muito importantes na minha formação. Recebi muita orientação deles todos. Eu nunca imaginei que teria condições de iniciar a dar aula de literatura portuguesa ou qualquer outra inventando um outro método ou outra maneira. Não, eu pensava: vou fazer o que esses professores fazem, o que eles me orientam. Foram decisivos em minha formação esses professores. Todos eles me respeitavam muito pelo fato de eu ser poeta. O Spina, por exemplo, me chamava para ficar discutindo sobre as formas poéticas, sobre metrificção, eu tentava argumentar com ele que essa coisa de forma poética era coisa de parnasiano, mas aos poucos o Spina foi me convencendo da importância de se considerar as formas poéticas. Bem, a prova dessa influência é que hoje mesmo eu terminei agora há pouco, minutos antes dessa conversa, a segunda de uma série de doze aulas de uma oficina de criação poética que eu estou dando aqui na USP a partir de formas fixas. Eu pensei, eu vou ensinar essa moçada a contar sílabas poéticas.

Veja, eu pertencço a uma geração que começou a surgir para a literatura no final da década de 50 para 60 e que acreditava que as formas fixas estavam obsoletas e que a forma moderna de conceber a literatura estava definitivamente consagrada; e foi isso que eu assimilei, mesmo antes de entrar na faculdade. O que eu acreditava como poeta no início era que me preocupar com esses aspectos formais era uma espécie de retrocesso. Mas depois, claro, eu fui me dando conta de que isso é um pouco simplista de-

mais, e que as formas fixas continuam vivas. Há poetas de hoje que adoram escrever sonetos, que escrevem formas rimadas e metrificadas, regulares e até mesmo poetas que adotam as formas livres, mas que jogam com o conhecimento das formas fixas. Mas, enfim, eu aprendi muito com o Spina nessa área, em que ele era um especialista. Enfim, o Spina sempre se situou numa área fronteira entre a literatura e a filologia. O conhecimento que ele tinha sobre Idade Média é algo fenomenal. Eu aprendi muito com ele.

**Pergunta:** *Em sua pesquisa de mestrado o senhor trabalhou com a poesia de António Maria Lisboa, já em seu doutorado com a de José Gomes Ferreira. Tais escolhas podem ter alguma relação com o fato de o senhor ser um poeta?*

**Carlos Felipe Moisés:** Acredito que sim. Bem, é uma questão complexa, controversa, não é? Eu nunca vi uma dissociação entre a minha condição de poeta e a de professor ou mesmo de pesquisador. Sempre soube que não daria para misturar as estações, que eu não iria escrever a minha poesia a partir de padrões acadêmicos, etc., e também, muito menos, iria usar a minha condição de pesquisador ou mesmo o magistério para, de alguma forma, veicular ou divulgar a minha poesia. Internamente, eu nunca senti nenhuma incompatibilidade, nunca houve qualquer dissociação. E talvez por isso que o meu interesse sempre foi a literatura moderna, eu queria me concentrar no século XX. Mas aos poucos eu fui me dando conta de que isso não era possível, você conhecer o século XX sem conhecer o XIX, aí você chega ao XIX e percebe que precisa também conhecer o XVIII, e assim vai... (eu disse isso num congresso em Minnesota). Eu morei nos EUA dando aula de português, ou seja, dando aula de Brasil, sobre tudo: literatura brasileira, cultura brasileira em geral, samba, carnaval, feijoada, etc., mas houve um simpósio com um tema parecido com o de sua pesquisa, o ensino da Literatura Portuguesa fora de Portugal, mas, principalmente nos EUA. Havia um vasto temário e eu escolhi um determinado tema que tem de ver com o que nós estamos falando agora e eu disse que o meu interesse de pesquisa era o século XX, mas que para conhecer o vinte, é preciso conhecer as matrizes. Todo autor moderno tem as suas matrizes no XIX. Mas aí você vai investigar o século XIX e percebe que precisa recuar mais um pouco ao século XVIII; se não fosse o Iluminismo, se não fosse o enciclopédismo, se não fosse Diderot, d'Alambert, Montesquieu, nem teria havido o romantismo, por exemplo. Ou seja, e assim você vai ter de recuar à cantiga da ribeirinha. O Spina tentou me ensinar isso, mas eu, cabeça dura, moleque recém formado, não queria saber de estudar a Idade Média, onde já se viu! Mas ele tentou me mostrar isso, a relação possível, não direta, mas indireta, entre a métrica medieval, entre a poesia trovadoresca e a poesia moderna, mas eu não conseguia enxergar isso. Hoje eu enxergo, mas na época, não. Mas o meu interesse era pelo século XX, tanto é que o meu mestrado, o doutorado e as minhas pesquisas concentram-se mais sobre o século XX, apesar de ter navegado bem no século XIX. Escrevi uma série de artigos sobre literatura do século XIX, tais como a de Eça e Cesário Ver-

de. Veja, não é por acaso que Caeiro diz “Li hoje, até me arderem os olhos, o livro de Cesário Verde”. Escrevi sobre Cesário, organizei uma edição da poesia dele, como a do Antero também.

**Pergunta:** *Como a senhor vê, hoje, o estado atual dos estudos da Literatura Portuguesa? Quais as principais mudanças de perspectivas ou de enfoques o senhor poderia indicar nos estudos dessa área desde os (seus) tempos iniciais dos estudos de Literatura Portuguesa na USP até a atualidade?*

**Carlos Felipe Moisés:** Infelizmente, eu devo lhe dizer que eu não tenho como responder a essa pergunta, pois eu me aposentei em 1992, portanto, faz mais de 20 anos que eu me aposentei. Eu me aposentei pra valer, eu me recusei, inclusive, a continuar dando aula na pós-graduação, a continuar a orientar trabalhos, poderia ter feito isso, mas eu preferi me aposentar para me dedicar integralmente àquilo que eu já vinha fazendo, menos ter o compromisso diário de ter de dar aula todo o semestre. Enfim, eu pude ficar totalmente focado em produzir crítica literária e também a minha própria poesia. Mas, nesses últimos vinte anos, eu produzi muitos ensaios de crítica literária, mas sem aqueles compromissos burocráticos como Qualis, etc., etc. Agora eu vou continuar produzindo por que gosto; se for útil para ser utilizado por estudantes, ótimo, fico feliz. Frequentemente, eu recebo convites de revistas especializadas para dar contribuição, revistas que seguem à risca as regras da ABNT. E aí eu negocio, porque eu me recuso, inclusive por princípios, a seguir as regras da ABNT. Eu posso lhe mandar com o máximo prazer uma matéria sobre isso, um ensaio sobre aquilo. Mas aí eu falo: vocês colocam alguém para colocar o texto no formato, porque eu sou radicalmente contra uma série dessas normas que viraram regra absoluta e que as pessoas seguem com uma obediência total. Por exemplo, aquele negócio de citar a referência com sobrenome e data entre parênteses dentro do texto eu acho isso uma besteira absoluta, que talvez faça sentido na área de exatas, de biomédicas, mas em humanas você quer ver a indicação completa na nota de rodapé. Por exemplo, que sentido tem você ver no corpo do texto algo como Platão, 2012, que função tem isso? Agora, os tecnocratas não querem saber disso. Porque nas outras áreas a data deve ser recente, então, o que vale é o modelo da atualização, do que é atual, porque só tem valor aquilo que foi publicado nos últimos cinco anos. Bem, mas na nossa área, isso não faz sentido nenhum. Infelizmente, contudo, isso tomou conta das ciências humanas também. Enfim, eu continuo a fazer parte da vida acadêmica, mas a minha produção deixou de ser estritamente acadêmica ou científica.

O fato é que durante toda a minha carreira eu mantive um pé na academia e outro fora. Eu tenho tido, e tive durante a vida toda, respostas muito positivas de leitores de trabalhos meus que não tinham nada a ver com a vida acadêmica; por outro lado, também tenho respostas positivas de acadêmicos, de professores universitários que dizem adotar muitos dos meus textos.



**Pergunta:** Bem, aproveitando esse tema, quanto às suas publicações acadêmicas: qual livro o senhor julga mais importante? Qual aquele que o senhor acha que cumpriu mais a função dele? E de qual livro o senhor gosta mais?

**Carlos Felipe Moisés:** Bem, eu escrevi vários livros sobre Fernando Pessoa: *O Poema e as Máscaras* foi a tese de livre docência, que teve uma edição em Portugal e depois uma reedição no Brasil. Eu tenho notícia de que o livro era indicado por professores em escolas e em faculdades. Enfim, é um livro que circulou e que continua circulando. Penso que os dois roteiros de leitura de Fernando Pessoa, o de *Mensagem*<sup>3</sup> e o sobre Álvaro de Campos<sup>4</sup> também cumpriram bem o papel a que se propuseram. Então, na minha área específica são esses livros. Além daqueles que têm um caráter mais genérico e que não são sobre autores específicos. Há pelo menos uma coletânea de que eu gosto muito, já a partir do título *O desconcerto do mundo*<sup>5</sup>: tenho notícias de que tem sido adotado em faculdades. Enfim, esse me parece um livro que cumpriu bem a sua função. Bem, mas o livro de que mais eu gosto é um livro que não tem nada a ver com o espírito acadêmico. Foi um livro que me foi proposto pela editora. Esse livro nasceu de uma conversa num café, um editor me propôs um desafio: escrever um livro de introdução à análise do texto poético, mas para adolescente, para jovem, para colegial. Eu disse, num primeiro momento: você tá maluco, isso não é a minha praia, como é que eu vou fazer isso? Bem, mas depois de uma ou duas semanas, eu liguei para o editor e disse: olha, eu imaginei o seguinte, uma antologia de poemas, subordinada a uma organização por temas e para cada tema dois poemas, um primeiro poema seguido de uma análise, e um outro poema destinado a ser analisado pelo leitor. Então, aí fui separando os poemas por temas. Havia um prefácio explicando a ideia, e a ideia é simples: você quer analisar poemas, você tem, em primeiro lugar, de ler poemas. E como você faz para ler poemas? Você tem de ler em voz alta, depois você tem de ir prestando atenção no detalhe, palavra a palavra. Não dá para você ler um poema só considerando uma leitura genérica. Então, a cada tema eu pegava um poema e analisava detidamente, como que exemplificando para o leitor apreender o método. Então, depois eu recebi notícias de que o livro estava sendo adotado em faculdades, em cursos de Letras, quando a meta era o ensino médio, adolescentes. O livro foi adotado em várias faculdades, inclusive em faculdades federais. Enfim, em princípio eu havia ficado feliz, mas depois eu percebi que talvez eu tivesse errado a mão, pois eu fiz um livro para adolescentes, mas acabou sendo adotado em faculdade. Mas o interessante é que ele continuou a ser adotado nos dois níveis. Depois eu recebi uma série de comentários de amigos meus, poetas, inclusive, que diziam que esse livro, que a princípio eu tinha feito para exercitar a análise do texto poético, também servia para quem queria aprender a escrever poesia. Então, depois, eu acabei refazendo o livrinho, acrescentando uma outra parte, em que eu propunha que o leitor exercitasse não apenas a leitura e análise de poemas, mas a escrita de poemas também. Então ele acabou tomando um formato de oficina também.

Enfim, esse é o livro de que eu gosto mais. Bem, é um livro aparentemente desprezível, mas que tem muito de análise e de teoria literária também, mas sempre com uma boa dose de humor. Bem, a Editora Ática, posteriormente, em vista do sucesso desse livro, me chamou para escrever um livro mais ou menos nesse estilo, para a coleção *Para gostar de ler*, um livro de introdução à poesia, também. Então eles me pediram para construir uma antologia. Bem, mas aí eu acabei sendo limitado pelas questões de direito autoral. Então eu resolvi montar uma antologia genérica, de vários autores. Esse livro também teve muita saída, foi, inclusive, vendido para o MEC. Não me lembro o título, exatamente, mas é um livro que desenvolve uma ideia básica, que se resume no seguinte: para gostar de poesia, não basta apenas emoção, mas é preciso pensar. A poesia não é só linguagem dos sentimentos; ela pode ser, mas se for só isso, geralmente é poesia de má qualidade. Aliás, acho que o título é esse: *Poesia faz pensar*<sup>6</sup>. É uma espécie de desdobramento do outro livro comentado anteriormente: *Poesia não é difícil*<sup>7</sup>. Enfim, acho que esses são bons livros, que cumpriram os seus papéis, apesar da limitação de usar os textos literários dentro dos meus livros, já que por muitas vezes eu fui barrado pelos direitos autorais. Bem, mas o interessante é que esses livros não têm, necessariamente, qualquer relação direta com a minha vida acadêmica, muito menos com o fato de eu ter sido professor de Literatura Portuguesa. É claro que tem a sua relação, mas a minha atuação nunca foi centrada no lusitanismo. Apesar de ter atuado sempre com muito empenho na área de Literatura Portuguesa, a minha vida acadêmica não foi limitada a ela. Hoje, depois de vinte anos aposentado, eu vejo que o fato de eu ter ficado na área de Literatura Portuguesa foi contingencial. Em certo sentido, poderia até ter ficado mais na área de Brasileira ou mesmo de Teoria Literária. Enfim, eu acho que isso se deve até ao fato de que, em certa medida, a própria área era mais forte na USP. E isso se deve, como sabemos, à origem do próprio curso de Letras da USP que foi capitaneado pelo Fidelino de Figueiredo, que era, inicialmente, o catedrático da cadeira de Literatura Luso-brasileira, que depois se desmembrou em duas, a cadeira de Literatura Brasileira e Portuguesa. Creio que os professores que se seguiram a ele, os já citados António Soares Amora e o Massaud Moisés, também foram responsáveis por eu ter me aproximado mais da Literatura Portuguesa e ter, enfim, me tornado um professor da área.

**Pergunta:** *Qual a maior alegria ou satisfação o senhor teve ao longo dessa carreira dedicada à Literatura?*

**Carlos Felipe Moisés:** Foram muitas alegrias durante todos esses anos aqui na USP. Bem, mas durante muitos anos eu dividia o meu tempo da USP com outras faculdades; eu só fui conseguir ter tempo integral na USP já perto do final de minha carreira aqui. Então, ao longo dessa trajetória toda, eu acho que eu tive mais alegrias do que dissabores. Foram várias e em vários níveis. Uma das alegrias mais constantes era eu vir a me dar conta, passados dois ou três anos, de que alunos que tinham sido meus alunos haviam se tornado leitores e pesquisadores da obra de Fernando Pessoa. Eu diria, pois, que foi poder perceber que a minha atuação como professor



tenha dado frutos a alunos que depois acabaram se tornando professores e pesquisadores, não simplesmente, mas, principalmente, tenha desenvolvido o gosto pela literatura. Enfim, eu poderia dizer que poder ter trabalhado com a obra de Fernando Pessoa ao longo da minha vida profissional foi uma grande satisfação e eu posso dizer que foi ele que acabou me abrindo as portas para Literatura Portuguesa. Por exemplo, se eu tivesse resolvido ser advogado como os meus amigos, é possível que a literatura estivesse na minha vida ainda, mas não teria adquirido o conhecimento que eu adquiri. Mas sem perder de vista que é uma ilusão você pensar que ser professor de Literatura Portuguesa no Brasil é como se você estivesse em Portugal. Não, a leitura vai ser sempre diferente, o seu ponto de vista será sempre brasileiro. A leitura da Literatura Portuguesa requer que mobilizemos todo um conhecimento sócio e histórico de um outro país, que não é natural para nós. Daí, portanto, a importância do conhecimento do contexto para o tratamento do texto literário; não basta só o texto, mas é fundamental que se leve em conta as questões sociais, históricas e biográficas também.

**Pergunta:** *Qual conselho o senhor daria para um jovem estudante de Letras que estivesse começando agora as suas pesquisas em literatura? Por que recomendaria o estudo da Literatura Portuguesa?*

**Carlos Felipe Moisés:** Eu confesso que eu não teria um conselho específico para o estudante de Literatura Portuguesa. Você mesmo falou de contingência; eu acho que é um termo adequado, foi uma contingência, eu poderia ter sido, na vida, um professor de Literatura Brasileira, ou de Teoria Literária, ou mesmo de Língua Portuguesa, ou de qualquer outra coisa. Não que eu fosse capaz de tudo isso, mas quando eu comecei a dar aula de Literatura Portuguesa eu também não era capaz, eu fui me capacitando na prática, eu não teria tido dificuldades. Eu cheguei a dar aulas em várias universidades sobre Literatura Brasileira ou mesmo de Teoria Literária também. Eu poderia ter me concentrado nisso, mas o meu interesse era e continuou sendo, sobretudo hoje, pela literatura de um modo geral. Se eu tivesse algum conselho seria para o estudante de literatura. Mas, especificamente para o estudante de Literatura Portuguesa, eu não teria. Bem, mas eu diria o óbvio, se você gosta de pelo menos um ou dois autores portugueses, vá em frente, e transforme isso na base de uma sustentação de uma carreira, etc. Bem, mas se for simplesmente por imposição ou por um acaso, então eu diria que fosse procurar outra coisa qualquer que tenha esse fator básico que é você gostar. Porque vai ser muito triste você ter de passar anos debruçado sobre a Literatura Portuguesa e morrendo de vontade de estar pesquisando o seu Drummond ou o seu Machado, ou sei lá, qualquer outro autor de outra literatura. Mas é claro, esse conselho tem a ver com a minha trajetória. Foi por gostar muito de Fernando Pessoa que fui conduzido para a Literatura Portuguesa. Tive a sorte ou as contingências me permitiram que eu me desenvolvesse na área, mas foi o apego ao Fernando Pessoa que me manteve, foi uma espécie de base que me manteve. É o que eu aconselharia a qualquer um. Se for para agradar isto ou aquilo, não vale a pena.

Enfim, por exemplo, os meus ex-colegas do curso clássico que são hoje todos advogados, não é? Ainda tenho contato com vários deles, uns bem sucedidos, outros nem tanto, mas vários deles chegaram à conclusão de que a advocacia não era a vocação deles, pensam que poderiam ter feito outra coisa, inclusive ter se dedicado às Letras. Mas a maioria foi fazer direito porque o pai já era advogado, a família toda estava na profissão. Havia um ou outro que tinha família com três ou quatro gerações de advogados. E isso dá ao jovem a ilusão de que ele escolheu o caminho certo. Bem, se deu certo com meu pai, com meu avô, então vai dar certo comigo. Mas isso pode ser ilusório, é preciso que a pessoa goste daquilo a que vai se dedicar. O meu caminho foi o da poesia, tanto para a profissão como para a vida, já que sou um professor poeta, ou talvez, um poeta professor.

*Obrigado, professor Carlos Felipe Moisés, pela generosidade em conceder-me tal entrevista.*

*Recebido para publicação em 31/05/2015*

*Aprovado em 28/08/2015*

## NOTAS

\* Professor Adjunto de Teoria Literária da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo – EFLCH/UNIFESP.

1 Foi professor da Universidade de São Paulo entre os anos de 1966 e 1991. Dedicou grande parte de sua vida acadêmica ao estudo da poesia moderna e contemporânea, em especial a obra do poeta português Fernando Pessoa. Nessa área, destacam-se seus livros *O desconcerto do mundo* (2001), *Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos* (2005) e *Poesia e utopia* (2007). Além de professor, também destacou-se como tradutor e como poeta. Estreou como poeta em 1960, com *A poliflauta*, a que se seguiram, entre outros, *Carta de marear* (Prêmio Governador do Estado de São Paulo, 1966), *Círculo imperfeito* (Prêmio Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978), *Subsolo* (Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, 1989) e *Noite nula* (2008). Escreveu também livros dedicados à apreciação e ao estudo da poesia, dentre os quais, o intitulado *Poesia não é difícil* (2012).

2 O projeto intitulou-se, inicialmente, *A presença da Literatura Portuguesa no Brasil: percursos e percalços do ensino e da pesquisa no processo de constituição da área de Literatura Portuguesa nas universidades brasileiras*. A pesquisa teve como sede o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP e foi financiada pela FAPESP (Processo 2013/07623-3). No período de tempo compreendido pelo relatório apresentado ao órgão de fomento do projeto, a pesquisa completou a investigação nas universidades públicas do Estado de São Paulo: USP; UNICAMP, UNESP (Assis; Araraquara e São José do Rio Preto); UFScar e Unifesp. Em cada uma destas universidades, a pesquisa pautou-se por quatro frentes de investigação: 1. Memória institucional (sobre o curso de Letras e sobre a área de Literatura Portuguesa); 2. Documentação acadêmica (de Graduação e Pós-Graduação); 3. Pesquisa (levantamento da produção na área de Literatura Portuguesa, em termos qualitativos e quantitativos); 4. Depoimentos (por meio de entrevistas orais ou escritas).

3 MOISÉS, Carlos Felipe. *Roteiro de leitura: Mensagem, de Fernando Pessoa*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

4 MOISÉS, Carlos Felipe. *Roteiro de leitura: Poemas de Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

5 MOISÉS, Carlos Felipe. *O Desconcerto do mundo: do renascimento ao surrealismo*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

6 MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia faz pensar*. São Paulo: Editora Ática, 2011.

7 MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil*. São Paulo: Editora Biruta, 2012.